A UTILIZAÇÃO DE OFICINAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO REALIZADA PELO SUBPROJETO DE HISTÓRIA DO PIBID/CAPES/UECE

Bárbara Kércia Nogueira Guimarães[1]
Elcilânia Braúna da Silva Araújo[2]
Francisco Antonio da Silva[3]
Nonato Lucas Freitas[4]
Paloma Carneiro Pinheiro[5]
Paulo Draigo Nunes de Freitas[6]
Sharliane Keyla Augusta Moreira[7]
Valdivino Jose de Lima Neto[8]

RESUMO

O subprojeto "A Formação da Consciência Histórica: articulações entre metodologia e prática no ensino de História", submetido como parte da proposta institucional da UECE ao Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em 2013, atentou para a importância da mediação dos instrumentos didáticos e metodologias no ensino de História, pensando-o a partir da observação reflexiva e crítica do processo de ensino e aprendizagem que se realiza nas escolas da educação básica. Nesse texto analisaremos uma atividade didático-pedagógica desenvolvida pelos bolsistas de Iniciação à Docência na EEF Padre Joaquim de Meneses, da rede municipal de ensino de Limoeiro do Norte. Essa atividade consistiu na realização de uma oficina que tematizou a questão do racismo em suas manifestações cotidianas denominada "Onde você guarda seu racismo?". Durante o período de execução do subprojeto de História (março de 2014 a fevereiro de 2018) foram planejadas e executadas diversas estratégias de ensino na EEF Padre Joaquim de Meneses baseadas em oficinas, projetos de ensino, salas de aula temáticas,

---

[1] Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2018).
[2] Graduanda em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2016-2018).
[3] Professor do Curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Coordenador de área do Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2017). Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.
[4] Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2018). Aluno do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino da UECE.
[5] Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2018).
[6] Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Professor da Secretaria Municipal da Educação de Limoeiro do Norte-Ce. Professor-Supervisor (bolsista) do Subprojeto de História do PIBID/CAPES/UECE (2014-2018).
[7] Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2018).
[8] Graduando em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2016-2018).

minicursos, rodas de conversas entre outras[9] . O planejamento e desenvolvimento dessas estratégias de ensino possibilitaram aos bolsistas de Iniciação à Docência um aprofundamento no processo de formação docente, a partir de ações planejadas de intervenção em sala de aula como foco em problemáticas identificadas nas etapas de observação da realidade da escola e da sala de aula.
PALAVRAS CHAVES: Metodologia do ensino de História; Rascismo; Experiências didáticas

The subproject "The Formation of Historical Consciousness: links between methodology and practice in the teaching of History", submitted as part of the institutional proposal of the UECE to the Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID) in 2013, emphasized the importance of mediation of instruments didactics and methodologies in the teaching of History, thinking from the reflexive and critical observation of the teaching and learning process that takes place in schools of basic education. In this text, we will analyze a didactic-pedagogical activity developed by the scholarship students of Initiation to Teaching at EEF Padre Joaquim de Meneses, from the municipal education network of Limoeiro do Norte. This activity consisted of a workshop that addressed the issue of racism in its daily manifestations called "Where do you keep your racism?". During the period of execution of the History subproject (March 2014 to February 2018), various teaching strategies were planned and executed at EEF Padre Joaquim de Meneses based on workshops, teaching projects, thematic classrooms, short courses, conversation circles among others . The planning and development of these teaching strategies made it possible for the scholarship students to initiate teaching to deepen the process of teacher education, based on planned actions of intervention in the classroom with a focus on issues identified in the stages of observing the reality of the school and the classroom. of class.
KEY WORDS: History teaching methodology; Rascism; Didactic experiences

ONDE VOCÊ GUARDA SEU RACISMO? REFLEXÕES SOBRE UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO

Esse trabalho consiste no relato de uma experiência de ensino realizada com duas turmas do 9º Ano da Escola de Ensino Fundamental Padre Joaquim de Menezes, no município de Limoeiro do Norte, em maio de 2016. A experiência de ensino consistiu na realização da oficina intitulada "Onde você guarda seu racismo?". Um dos objetivos principais da oficina foi a problematização das formas cotidianas de preconceito e racismo, que muitas vezes não são

[9] MOREIRA, et. al. História e Literatura: Os Caminhos do Capitão Andrea Rachid. In: Semana Universitária da UECE, 19., 2014, Fortaleza. **Anais da Semana Universitária**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014; MOREIRA, Sharliane Keyla Augusta et. al. A música nordestina como estratégia para o ensino de História: relato de uma experiência de ensino realizada na EEF Pe. Joaquim de Meneses, em Limoeiro do Norte - Ceará. In: Semana Universitária da UECE, 20., 2015; FREIRE, Carla Gabriela Barreto et. al. Da era Vargas ao fim da ditadura militar: uma estratégia de ensino de história a partir da Música Popular Brasileira. In: Semana Universitária da UECE, XX, 2015, Fortaleza. **Anais da Semana Universitária**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015; PINHEIRO, Paloma Carneiro et al. Onde guardamos nosso racismo? Relato de uma experiência de ensino. In: Semana Universitária da UECE, 22., 2016, Fortaleza. **Anais da Semana Universitária**... Fortaleza: UECE, 2016. Disponível em: <http://semanauniversitaria.uece.br/anais/paginas/trabalhos.jsf>. Acesso em: 14 maio 2018.

percebidas enquanto tais dadas às estratégias de invisibilidade e ocultação engendradas nas próprias relações sociais e que se reproduzem na escola[10].

Tradicionalmente no mês de maio as escolas públicas do município de Limoeiro do Norte – CE realizam atividades em torno do tema da abolição da escravidão, quase sempre destacando as contribuições para a cultura e a culinária brasileiras, sendo que raramente tocam em temas tabus como o preconceito e a discriminação raciais. É preciso levar em conta que o 13 de maio para os negros não significou de fato a libertação dos escravos, ou seja, a Lei Áurea foi mais simbólica do que real, pois não foi acompanhada de políticas de inclusão e reparação aos que foram escravizados por cerca de 340 anos. E como ninguém nasce com preconceito cabe aos processos de socialização, que se manifestam desde os ambientes íntimos como o lar e a família e tendo na escola um campo fértil de elaboração e transmissão, nos propusemos a levar os alunos a refletirem a respeito do que uma simples brincadeira preconceituosa pode causar e que o racismo pode se manifestar de forma disfarçado em nosso cotidiano, o que contribui para sua permanência e agravamento das desigualdades sociais tendo como fundamento relações raciais.

O negro, enquanto subordinado e oprimido pela dupla condição, a de classe e de pertencimento a um grupo étnico estigmatizado pela escravidão, é observado como objeto em meio a outros objetos, conforme autodescoberta de Frantz Fanon. Nas palavras de Fanon "[Cheguei] ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos".[11] Se para um psiquiatra da qualidade de Frantz Omar Fanon, martinicano de ascendência francesa e africana, foi dolorosa a descoberta de que não passava de um objeto em meio a outros objetos, imaginemos os dramas psicológicos e sociais daqueles que vivenciam cotidianamente as consequências de objetivação ou coisificação das quais não tem consciência. No caso de Fanon, a explosão na forma de escrita, foi uma saída:

> Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei

[10] FARIA, Giselle Curi de. **Invisibilidade do racismo no Brasil**: nas práticas escolares, culturais e sociais da discriminação racial (pós Lei 10.639). Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

[11] FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 103.

> furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.[12]

Para preparação da oficina foram realizados diversos encontros dos bolsistas de Iniciação à Docência (IC) que atuavam na escola e o coordenador de área nos quais foram definidas as metodologias de trabalho, a seleção de material e preparação dos recursos didático-pedagógicos, como a confecção de cartazes e elaboração de slides. Assim, usamos cartazes e gravuras que propuseram repensar o preconceito racial, frases preconceituosas e dramatizações que viessem a retratar atos racistas cometidos cotidianamente, inclusive em sala de aula, para mostrar que às vezes nem o próprio professor está preparado para lidar com esse tipo de situação, que passa despercebido por todos.

Na culminância dessa atividade didático-pedagógica indagamos aos alunos sobre onde eles guardam os seus preconceitos e percebemos que eles estavam se posicionando de maneira mais crítica, assumindo que também praticavam atitudes preconceituosas no dia-a-dia, muitas vezes sem perceberem. Reconhecendo que todos nós temos preconceitos guardados e introjetados em nossos corpos, o que devemos fazer, em primeiro lugar, é cultivar a capacidade de problematização da realidade que possibilite a compreensão adequada das diferenças entre grupos e classes sociais que marcam os processos de socialização e que se manifestam no ambiente escolar, enquanto microcosmo de relações sociais mais amplas.

Nesse sentido, a realização da oficina foi um meio de combate ao preconceito e à discriminação raciais, a partir da criação de um ambiente no qual os alunos pudessem refletir sobre a condição do negro na sociedade brasileira, sentindo-se estimulados a criarem diferentes mecanismos de ação que proporcionem mudanças significativas no âmbito individual e coletivo. As oficinas pedagógicas podem servir como meios de construção criativa coletiva e/ou individual de conhecimentos, supondo o conhecimento como "um processo (cri)ativo de apropriação da realidade".[13]

O interesse pela temática do racismo em sala de aula surgiu das observações da realidade escolar e da sala de aula realizadas em momentos anteriores, quando identificamos as principais problemáticas presentes no dia a dia da escola e as formas costumeiras utilizadas por professores e núcleo gestor no enfrentamento das mesmas. Um dos motivos da escolha desse

---

12 Idem.

13 MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando Cézar Bezerra. O Saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública**.** In **Anais Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade**: desafios e compromissos. Caxambu – MG; ANPEd, 2006, p. 2.

tema para a realização da oficina foi o fato de que a escola, ao abordar a questão apenas em momentos específicos, como no caso da comemoração da data da abolição da escravidão no Brasil, contribui para a reprodução dos estereótipos sobre o negro e para a invisibilidade do racismo em sala de aula.

Como ponto de partida, após a identificação do problema e escolha da estratégia de ensino (a oficina), realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema do racismo em sala de aula para entendermos como a questão vem sendo abordada. Esse levantamento também nos possibilitou a identificação das formas de manifestação do racismo, como o racismo oculto e disfarçado.[14]

Após leitura e discussão dos textos selecionados deu-se início à definição, seleção e confecção dos recursos didáticos a serem utilizados na oficina, como a confecção de cartazes, seleção de imagens que colocavam em evidência o problema do racismo, a escolha de palavras-chaves e frases, a seleção de músicas e a produção de esquetes teatrais, e a escolha de um vídeo-teste realizado no Brasil[15], que demonstra a gravidade desse problema social.

Começando a oficina com a pergunta do tema e, em seguida, dirigindo pergunta diretamente ao público-alvo questionando quem tinha preconceito ou era racista? A resposta inicial foi no sentido do que afirmamos até o momento, que revela o racismo disfarçado ou oculto: a maioria afirmou que não tinha preconceito ou era racista. Esse era o objetivo da oficina, pensar o que não é pensado, questionar aquilo que por acomodação se tornou vulgar ou trivial na forma verbal de se expressar. De fato, ninguém nasce com preconceito, isso nos é transmitido, tanto em casa como na rua, ou seja, nos domínios da intimidade e da vida pública, normalmente fazendo juízo de valor tendo a cor como critério de julgamento; expressões como:

---

[14] BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; ARAÚJO, Ilze Arduini. Discriminação racial em sala de aula. In: Guimes Rodrigues Filho; Vânia Aparecida Martins Bernardes; João Gabriel do Nascimento (Org.). **Educação para as relações étnico-raciais**: outras perspectivas para o Brasil. Uberlândia: Gráfica Lops, 2012. p. 521-539; CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001; FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: Simone Sousa. (Org**.). Uma Nova História do Ceará**. 4ªed. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2007, v. 1, p. 103-133; GLASS. Ronald D. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. In R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 93, n. 235, p. 565-578, set./dez. 2012. p. 889. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/2045/1871>. Acesso em 04 out. 2015; NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, june 2007. ISSN 1809-4554. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12545>. Acesso em: 02 mai. 2018. doi:http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015; NUNES, Gilcerlândia Pinheiro de Almeida. "A integração do negro na sociedade de classes": uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção. **Revista Cronos**, [S.l.], v. 9, n. 1, abr. 2012. ISSN 1982-5560. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1805>. Acesso em: 04 out. 2015.

[15] Trata-se de um teste desenvolvido realizado na década de 1940 pelo psicólogo americano Kenneth Clark, denominado *Teste da boneca*. A pedagoga brasileira Roseli Martins realizou um teste semelhante com crianças brasileiras em 2006.

"aquela pessoa tem o cabelo ruim" ou "é negro pra não prestar", são frases que criam estereótipos discriminatórios, pois, o que torna o cabelo ruim é o fato de ser crespo ou ondulado? O que faz alguém não prestar é a cor ou sua condição social e falta de estrutura familiar? O preconceito racial consiste em definir uma ideia sem fundamento, falsa em si mesmo, carregada de generalização e ausente de reflexão.

Assim iniciou-se a oficina, com a exposição de um breve histórico a respeito do 13 de Maio, no qual foi discutido nesta etapa que a data não significou de fato concreto a libertação dos escravos, ou seja, a lei que aboliu a escravidão foi mais simbólica do que real, uma vez que a abolição não foi acompanhada de nenhuma política de reparação e inclusão da população ex-escrava.

Posteriormente discutimos o tema da oficina: **"**Onde você guarda seu racismo?", momento no qual indagamos nos alunos sobre atitudes racistas, se eles se consideram como tais, ou se sofreram algum ato preconceituoso ou racista.

Após discutir um pouco a origem do 13 de maio foi apresentada a música Todo camburão tem um pouco de navio negreiro, que reflete o fato de quase sempre o estereótipo criado em torno do negro, principalmente morador de favela, é de um usuário ou traficante de droga, onde muitas vezes a polícia aborda mais pela aparência do que pelo ato marginal, e por ser negro, é visto como suspeito, e mais facilmente detido em um camburão. Se os escravos eram escravos por sua cor, os negros também são suspeitos de serem marginais por conta da cor. O fato de não definir alguém por sua aparência é o que nos convida a pensar essa música.

Posteriormente foi feita uma discussão a respeito de imagens e frases que tinham como finalidade mostrar o preconceito relacionado a características da população de ascendência africana. Ao debatermos os mesmos percebemos a visão crítica que os alunos tinham a respeito do racismo, mostrando-se mais abertos ao debate onde relacionavam as imagens e frases apresentadas a sua realidade.

Após o debate proposto pelas imagens, foram realizadas duas esquetes (encenações) teatrais que tratavam do racismo no cotidiano e que tinham como objetivo mostrar para os alunos atos racistas que se passam despercebidos. As duas encenações tratavam de atos racistas cometidos em uma entrevista de emprego e no ambiente escolar, respectivamente.

Na primeira encenação denominada "O racismo em uma entrevista de emprego", o objetivo foi mostrar que mesmo uma pessoa tendo qualificações necessárias para preencher uma vaga a mesma é discriminada pela cor da sua pele, mostrando-se que muitas vagas de emprego são preenchidas pela aparência e não pela qualificação.

Na segunda encenação "O racismo no ambiente escolar", tínhamos como intuito mostrar a incapacidade que muitos professores têm em lidar com atos racistas em sala de aula. A encenação retratava o preconceito cometido por alunos em sala de aula, que discriminam seus colegas, muitas vezes, sem intenção de cometer o ato racista.

Logo após as encenações apresentamos o vídeo intitulado "Teste da boneca no Brasil", que mostra a realização de um teste com crianças utilizando-se de duas bonecas, uma negra e outra branca, e como essas bonecas eram vistas pelas crianças que fizeram parte da pesquisa. As perguntas feitas no texto foram: qual boneca é mais bonita? Qual boneca é a boneca boa? Com qual boneca você prefere brincar? Se você pudesse escolher apenas uma boneca para comprar para sua irmã, qual delas você compraria? Os alunos ficaram bastante impactados com a exibição do vídeo, tendo em vista as respostas das crianças que participaram da pesquisa e também pelo fato dessas crianças não se reconhecerem como negras.

Na culminância desta oficina foi proposta uma atividade a ser desenvolvida em sala de aula: a confecção de cartazes feita a partir de imagens previamente selecionadas pelos bolsistas. Para isso, a turma foi dividida em grupos e distribuídas a cada grupo imagens relacionadas à cor, classe social e corpo, propondo assim que os alunos elaborassem textos ou frases críticas, relacionados às imagens distribuídas.

Após a confecção dos cartazes os alunos apresentaram os trabalhos construídos na oficina, nos quais puderam expressar suas opiniões e sugestões sobre o assunto discutido. A exposição do material produzido foi feita de forma bastante dinâmica, uma vez que os alunos usaram da criatividade para demostrar a apreensão dos conteúdos trabalhados na oficina.

Após a conclusão das apresentações, indagamos os alunos novamente a respeito do tema exposto, quando pudemos perceber que os mesmos estavam se posicionando de forma mais crítica diante do tema e dos problemas a ele relacionados. Percebendo que eles mesmos praticavam preconceito no dia-a-dia sem perceberem, tendo em vista que o racismo nas escolas poderá vir algumas vezes de formas visíveis e outras invisíveis, camufladas.[16] Reconhecendo-se a questão de que todos guardarmos certo preconceito, e assim trabalharmos para que isso nunca possa excluir ou taxar uma pessoa, pois o diferente existe sim, o importante é não fazermos juízo de valor, e não esquecermos que por trás de qualquer cultura ou opção pessoal, existe um ser humano que merece respeito por ser um ser humano, que precisa ser analisado

[16] BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; ARAÚJO, Ilze Arduini. Discriminação racial em sala de aula. In: Guimes Rodrigues Filho; Vânia Aparecida Martins Bernardes; João Gabriel do Nascimento (Org.). **Educação para as relações étnico-raciais**: outras perspectivas para o Brasil. Uberlândia: Gráfica Lops, 2012.

em seu contexto e não criar estereótipos de sua imagem e reproduzi-las de forma generalizada, alienante e excludente.

A realização dessa oficina demonstrou a necessidade de se tematizar em sala de aula questões delicadas para a sociedade brasileira, como o racismo, tendo em vista que numa sociedade na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa a respeito do negro e a identificação positiva do branco, o ambiente escolar, enquanto processo de socialização, deverá questionar/problematizar as diversas formas estereotipadas de identificação dos indivíduos, grupos e classes sociais.[17]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi uma política pública de grande significado para a revalorização da profissão docente e dos cursos de licenciatura. Na percepção dos envolvidos no subprojeto de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Universidade Estadual do Ceará, a escola pública tem um papel muito importante na sociedade brasileira contemporânea e que a formação docente deve ser um dos pilares na ressignificação dessa instituição. Assim, a profissão docente passa a ser percebida em outra perspectiva, tendo em vista o papel desempenhado pela escola e pelos docentes na constituição de novas formas de sociabilidade. Para os bolsistas desse subprojeto a presença na escola teve impacto positivo na formação docente, pois a observação atenta do cotidiano escolar e as observações da ação docente em sala de aula contribuíram para a superação ou, ao menos, para a compreensão das visões superficiais e estereotipadas da escola pública.

As atividades planejadas e executadas nas escolas parceiras tiveram como princípio o respeito à autonomia escolar e aos processos didático-pedagógicos que caracterizam o protagonismo dessa instituição. Nesse sentido, os bolsistas de iniciação à docência tiveram sempre clareza de que a presença dos mesmos na escola não consistia na tarefa de levar aos professores e estudantes novas metodologias de ensino.

Nesse sentido, atividades como a relatada nesse trabalho não tiveram o propósito de mostrar como fazer, mas antes de tudo, criar espaços de debates e reflexão sobre os problemas que afligem a sociedade brasileira e sobre os quais a escola poderá se posicionar reflexivamente, aproveitando inclusive a lógica da organização curricular e pedagógica vigentes. Assim, ao invés de se fazer a crítica à utilização de instituições como as datas

---

[17] CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

comemorativas no processo de ensino-aprendizagem seria mais proveitoso aproveitar essas formas de organização do currículo como espaços de desnaturalização de fatos e fenômenos sociais, tomando a celebração de datas comemorativas como estratégias de reprodução e reificação de relações sociais que, na maioria das vezes, reforçam as visões de mundo dos grupos e classes sociais que se situam no topo da pirâmide social.